

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

CAMILA DE CESERO

**A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA A FORMAÇÃO DE UM
LEITOR CRÍTICO**

**CAXIAS DO SUL
2018**

SUMÁRIO

1. Tema.....	3
2. Problema de Pesquisa	3
3. Objetivos	3
3.1. Objetivo geral.....	3
3.2. Objetivos específicos	3
4. Justificativa.....	3
5. Fundamentação teórica.....	5
6. Metodologia.....	8
7. Cronograma	10
8. Referências	10
9. Referências a consultar.....	11

1. Tema

A importância dos contos de fadas para a formação de um leitor crítico.

2. Problema de Pesquisa

Os contos de fadas contribuem para a formação de um leitor crítico?

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Investigar em que medida a leitura de contos de fadas nas séries iniciais do ensino fundamental influencia a construção de um leitor crítico e atuante na sociedade.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar a importância dos contos de fadas para a formação de sujeitos críticos;
- Observar de que forma a leitura está presente no ambiente escolar, enfocando os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental;
- Refletir sobre a prática docente como contribuinte para a formação de leitores.

4. Justificativa

Utilizamos a leitura em diversos locais e com diversas finalidades em nosso cotidiano, no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, sendo assim considerada, como citado nos PCNs, de extrema importância no ensino, na aprendizagem e na proficiência leitora dos alunos, favorecendo o aprendizado em diversas áreas do conhecimento.

As competências propiciadas pela leitura, assim como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais, levam em consideração as práticas de leituras presentes dentro das salas de aula, durante todo o período de alfabetização e desenvolvimento escolar do estudante, com a finalidade de formar leitores aptos para o domínio de diversos gêneros textuais, tornando-os leitores eficazes e que conseguem selecionar trechos que atendem às suas necessidades, por meio de estratégias de leitura.

Por esse motivo, é tarefa dos professores, não somente, mas especialmente de Língua Portuguesa formar, nas escolas, uma política de formação de leitores capacitados a compreender e interpretar o que leem e que saibam posicionar-se perante as informações dos textos. O ato de ler deve ser diário, e os contos de fadas surgem como fundamental ferramenta de trabalho para os professores, pelo fato de serem capazes de cativar as crianças com as fantásticas histórias, de cunho surpreendente, possuindo a finalidade de não somente informar, mas também de formar leitores e transportá-los para outros mundos. Porém, para a maioria da população, como cita Diana Marchi, a leitura é algo que exige muito do ser humano, é algo de difícil agrado e hábito.

Para muitos, a leitura de livros de literatura é muito exigente, difícil, cansativa, monótona, demorada, enquanto os jornais e as revistas são de leitura rápida e, por isso, agradável. É comum que os adolescentes -ou pré adolescentes- refiram-se à sensação de perda de tempo relacionada com o fato de ficarem lendo enquanto as coisas acontecem. Para eles, ler livros não é nenhum acontecimento (MARCHI, 1998, p.158).

O ato de ouvir histórias, torna-se o início da aprendizagem para a formação de um bom leitor, sendo construído, aos poucos, um enorme caminho de descobertas e de compreensão do mundo. Por meio da literatura, é possível deixar fluir o imaginário, possibilitando a criação de curiosidades e de soluções, além de descobrir a imensidade do mundo dos conflitos, dos impasses, das vitórias que todos enfrentam, de alguma forma ou de outra, em meio a nossa existência e a dos personagens.

Dessa forma, a literatura infantil se faz de suma importância para a Educação Infantil e para a formação das crianças que, por meio dela, poderão formar-se sobre grandes histórias de nossa literatura e, conseqüentemente, tornar-se sujeitos críticos e atuantes na sociedade, afinal como cita Diana Marchi (1998, p.160) “o livro de literatura infantil fala com o seu leitor, pois ele se encontra representado no livro, tendo como inspiração os personagens que estão implícitos na obra, promovendo, assim, um diálogo”. Além disso, o texto semelhante à fala da criança, a criatividade explícita nas ilustrações, o uso de balões, são elementos que encontram correspondência no repertório conhecido pelos pequenos, integrando suas vidas.

Contudo, ainda como cita Marchi, esse mesmo leitor desinteressado poderá ser surpreendido ao perceber que gostou de determinada obra, enredo, indicado pela professora. O fato de o aluno ter apreciado a leitura não significa que o

estudante tenha desenvolvido, após uma leitura prazerosa, o hábito de ler. A leitura espontânea, infelizmente, torna-se rara.

4. Fundamentação teórica

Nelly Novaes Coelho (2003, p. 29) considera que, “a partir do século XVIII, graças ao progresso dos estudos de Arqueologia, puderam ser provadas como verdadeiras, histórias e lendas que até então eram tidas como inventadas ou fantasiosas, mas que realmente havia acontecido em tempos remotos.”

No rastro das descobertas da arqueologia, surgem elementos da memória popular, sendo que cada nação empenhava-se para descobrir suas verdadeiras memórias nacionais, resultando na descoberta de diversos contos maravilhosos, fábulas, lendas, etc. Tais acervos, embora pertencentes a povos e regiões distintas, possuíam inúmeras narrativas em comum.

Segundo o livro *A literatura infantil (1982)*, de Sosa, a palavra “fada” tem raiz grega. Indica o que brilha, essa raiz parece explicar-nos que quem narra tais contos procura fazer brilhar suas ideias. Nesse sentido, as fadas detém, em seu poder, talismãs, como pedras preciosas e armas encantadas, com os quais presenteiam seus favoritos.

A fada, em outras palavras, segundo a própria etimologia da palavra, representa o próprio destino do homem e brota, como diz o autor, uma concepção mais doce e mais trágica, mais íntima e mais universal da vida humana. Os contos de fadas, mesmo possuindo um viés infantil, são perfeitamente realistas, afinal, somente a mente é capaz de criar o sobrenatural e dar-lhe um destino que faça sentido para o contexto em que estamos inseridos.

Os contos de fadas, como cita Sosa (1982), transmitem às crianças conhecimentos, ampliando a imaginação e entre outros poderes mentais, possuindo uma etapa muito curta no desenvolvimento da vida infantil. Mas, mesmo assim, torna-se o maior estímulo àquilo que a criança vai vivenciar na adolescência e na vida adulta.

Contudo, segundo Vilson Leffa (1996, p.11), a leitura, tanto de contos de fadas, como de qualquer outro gênero textual, é a extração de significado do texto e a atribuição de significado ao que está escrito. Desse modo, podemos concluir que o processo de leitura pode ser definido de diversas maneiras.

A leitura, ainda assim, é um processo de representação, ou seja, é olhar para uma coisa e visualizar outra. O autor ainda afirma que ler é reconhecer o mundo por meio de espelhos, sendo necessário, assim, um conhecimento prévio do meio em que se está inserido. A leitura não é somente possível de ser identificada por meio de texto escritos, por palavras, mas também por meio de sinais não-linguísticos. Segundo Leffa,

[...] pode - se ler tristeza nos olhos de alguém, a sorte na mão de uma pessoa ou o passado de um povo nas ruínas de uma cidade. Não se lê, portanto, apenas a palavra escrita mas também o próprio mundo que nos cerca (LEFFA, 1996, p.10).

Pode-se definir o processo de leitura como a extração de significado do texto, mas também é atribuição de significado ao texto. Na primeira definição, a direção do texto é para o leitor, já na segunda é do leitor para o texto. Isso porque o significado está em diversos lugares, mas ao usar o verbo extrair dá-se mais importância ao texto e utilizando o verbo atribuir coloca-se ênfase no leitor. Segundo Leffa (1996), o texto é comparado com uma mina, com inúmeros corredores subterrâneos, repleto de riquezas, porém necessita de exploração constante pelo leitor. Isso causará, conseqüentemente, o enriquecimento de quem está lendo, aumentando o seu conhecimento, afinal o texto é o mundo.

Leffa afirma ainda que a leitura é definida como um processo de extração de significados e como um procedimento de atribuição de sentido, sendo que o processo de leitura não permite a ênfase em apenas um dos itens, com a exclusão do outro (LEFFA, 1996, p. 17). É preciso, ao considerar o papel do leitor e o papel do texto, integrar o processo de interação entre o leitor e o texto. Para melhor explicar esse processo de junção entre os elementos, o escritor realiza uma analogia entre o processo de leitura e uma reação química.

[...] como na química, para termos uma reação é necessário levar em conta não só os elementos envolvidos, mas também as condições necessárias para que a reação ocorra. O simples confronto do leitor com o texto não garante a eclosão de todos os acontecimentos que caracterizam o ato de leitura. A produção de uma nova substância - no caso a compreensão - só ocorre se houver a afinidade entre os elementos leitor e texto e se determinadas condições estiverem presente (LEFFA, 1996, p. 17).

A partir disso, podemos concluir que o leitor precisa ter, além de competências fundamentais para realizar a leitura, a intenção de ler. Essa

intencionalidade é uma das principais características do ser humano, que ao suprir essa necessidade, inicia-se, portanto, a interação entre o leitor e o texto.

Segundo Ângela da Rocha Rolla (1988), ler é escolher, eleger. Sendo assim, a leitura e a escritura literária são produtos humanos e, como tal, desencadeiam um processo de comunicação social que é inerente à própria natureza do literário. Lendo e escrevendo literatura, aprendemos a ler e a escrever a nossa existência humana, atribuindo-lhe sentido (ROLLA, 1988, p, 164-165).

No livro *A psicanálise dos contos de fadas*, Bruno Bettelheim (2005, p.23) afirma que “os contos de fadas são de suma significação para as crianças, afinal ajudam-nas a lidar com os problemas psicológicos que envolve o seu crescimento e a formação de sua personalidade.”

Além disso, “os contos de fadas são enriquecedores para as crianças, pelo fato de elas viverem em constante ansiedade. Os livros de literatura infantil são uma possibilidade de despertar seus sentimentos e esperanças, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade e orientando a criança para, no futuro, abandonar seus desejos e a dependência da infância e, conseqüentemente, conseguir uma existência mais satisfatória e independente” (BETTELHEIM, 2005, p.27).

Os contos de fadas representam, sob forma imaginativa, no que consiste o processo de desenvolvimento humano, de maneira atraente para o engajamento da criança. Bettelheim afirma ainda que:

Os contos de fadas são enriquecedores, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidades, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 2005, p. 21-22).

A ficção, seja ela infantil ou adulta, supre os indivíduos de algo que não se encontra facilmente em outros lugares: todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape.

Por fim, podemos concluir que uma mente mais rica, segundo Diana Lichtebshtein Corso e Mario Corso, autores da obra *Fadas no Divã* (2005), possibilita que sejamos flexíveis emocionalmente, capazes de reagir adequadamente a

situações difíceis, assim como criar resoluções para nossos impasses. O papel da literatura, que está presente desde a fase da infância, é tarefa essencial para a formação de sujeitos críticos e atuantes em nossa sociedade.

Os autores Diana e Mário Corso (2005, p. 303), citam, ainda, que histórias não garantem a felicidade e sucesso na vida de ninguém, mas auxiliam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem suas histórias, mais se ampliará o repertório de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.

6. Metodologia

Tendo em vista o objetivo do presente trabalho, pude concluir que o método de pesquisa utilizado será de caráter descritivo, descrevendo a importância dos contos de fadas para a constituição de sujeitos críticos para a sociedade, proporcionando, conseqüentemente, uma nova visão sobre o assunto.

Para a seleção de material para a construção deste trabalho de conclusão de curso, serão realizadas revisões bibliográficas e entrevistas com professores com em torno de 10 professores de Pré escola e de Ensino Fundamental e com em média 5 alunos de cada ano, da rede Estadual de Ensino. A partir disso, serão construídos gráficos a fim de mostrar o quão presente está a literatura infantil na vida das crianças, além disso, é minha intenção verificar como é exercida a prática docente referente ao incentivo à leitura e qual é a aceitação dos alunos perante a essa proposta.

<p>Questionário para professores de Pré escola e Ensino Fundamental</p> <p>Escola: _____</p> <p>Turma que leciona: _____</p> <p>Tempo de docência: _____</p> <p>Titulação: () Graduação em _____</p> <p style="padding-left: 40px;">() Especialização em _____</p> <p style="padding-left: 40px;">() Mestrado em _____</p> <p style="padding-left: 40px;">() Doutorado em _____</p> <p>Você procura estimular o gosto pela leitura em seus alunos? De que maneira?</p>
--

Quais são suas ações no ensino de leitura que o (a) deixam satisfeito (a) em relação ao seu próprio trabalho?

Quais são suas ações no ensino de leitura que o (a) deixam insatisfeito (a) em relação ao seu próprio trabalho?

Como você julga o desempenho de seus alunos em relação à leitura? Justifique.

O que você julga necessário para motivar seus alunos a lerem mais?

Você considera os contos de fadas importantes para a formação do estudante?

Questionário para alunos do Ensino Fundamental

Escola: _____

Idade: _____ Série: _____

Sexo: () masculino () feminino

Você gosta de ler? _____

Você já leu algum livro por seu interesse, sem que o seu professor tenha solicitado?

Quanto que a leitura é importante para você?

Pouco Regular Significativo Muito Significativo
 Altamente Significativo

Com que frequência você vai para a biblioteca? _____

Quais livros você retira, quando vai para a biblioteca?

Como você escolhe seu livros de leitura?

Pela história Pelos personagens Pela capa Pelas ilustração

Pelas cores Por outro motivo.

Qual? _____

7. Cronograma

Atividade	Março	Abril	Maio	Junho	Julho
Pesquisa Bibliográfica	X				
Escrita dos Resultados obtidos pela pesquisa bibliográfica		X			
Coleta de Dados			X		
Tabulação de Dados			X		
Conclusão do trabalho				X	
Entrega e Defesa					X

8. Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 366 p.

COELHO, Nelly Novaes. A arqueologia e as fontes comuns. In: COELHO, Nelly Novais. **O Conto de Fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003. p. 29-81.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Métodos das ciências sociais. In: _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. cap. 2. p. 8-25.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARCHI, Diana. A literatura e o leitor. In.: NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. P. 157-163.

ROLLA, Angela da Rocha. A arqueologia e as fontes comuns. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 164-171.

SOSA, Jesualdo. Os contos: origem e evolução. In: SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1982. Cap. 3. p. 112-137.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A produção cultural para a criança**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.

9. Referências a consultar

- ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: FAPESP, 2003. 382 p.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005. 109 p.
- BASSEDAS, Eulàlia; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 357 p.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 2.ed., rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 266 p.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 2000. 287 p.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Amariyls, 2010. 308 p.
- CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrietta. **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. 299 p.
- DINIZ, Júlio. Apontamentos sobre significado, sentido e interpretante na leitura. In: RÖSING, Tania M. Kuchenbecker; RETTENMAIER, Miguel (org.) **Questões de Leitura**. 2. ed. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2011.
- JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Produtoras de Textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 321 p.
- JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 219 p.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 179 p.

KHÉDE, Sonia Salomão; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. 166 p.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996. 213 p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. 190 p.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999. 112p.

MOROTE, P.; MULA, A. A narração oral e a leitura em voz alta: espaços narrativos e leitores. In: RÖSING, Tania. RETTENMAIER, Miguel. **Leitura dos Espaços & espaços de leitura**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, c1984 225p

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 238 p.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1988. 104 p.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita**. 8. ed. Petrópolis: Editora da Unicamp, 1993. 151 p.

TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. 5. ed. Petrópolis: Editora da Unicamp, 1993. 272 p.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2000. 131 p.

ZIBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura:** Perspectivas Interdisciplinares. 5. ed. São Paula: Editora Ática, 2004. 115 p.